

Revista Latinoamericana de Psicopatologia

Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em

Psicopatologia Fundamental

Brasil

Saurí, Jorge J.

A construção do conceito de neurose (I) Os vapores e os nervos

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. VIII, núm. 1, marzo, 2005, pp. 73-85

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017514008>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

A construção do conceito de neurose (I) Os vapores e os nervos*

Jorge J. Saurí

Desde que Th. Willis enunciara sua idéia de enfermidade nervosa, numerosos transtornos mutantes, cambiantes e passageiros com polimorfas manifestações psíquicas e motoras foram atribuídas à existência de “vapores” e posteriormente a alterações dos “nervos”.

Palavras-chave: Nervos, vapores, neurose, fluidos

* Este artigo foi publicado com o título de “Vapores e nervos”, em *Acta psiq. Psico. América Latina*, 1995: 41-67. Sua tradução do francês, “Les vapeurs et les nerfs”, foi publicada em *A informação psichiat.*, 1996, 72, 9, 886.
Tradução de Dirceu Scali Jr. e Edgard Murano Filho, para o português.

Longe de ser superficial ou meramente erudito, o estudo da história da construção de um conceito supõe penetrar em sua edificação, a qual se encontra intimamente unida ao conhecimento da trama de crenças de onde se encontra. Assim ocorre com o termo neurose, que, nascido em terras escocesas durante a Ilustração, rapidamente entrou nos meios médicos europeus, ainda que não em todos. Em seu destino convergiram múltiplos fatores, um dos quais, e de não pouca importância, foi que, desde os tempos hipocráticos, a medicina teria de se haver com transtornos difusos, estranhos e insólitos difíceis de agrupar e mesmo de se definir. A histeria, por exemplo, era atribuída a transtornos uterinos, mas como muitos autores viam na hipocondria seu paralelo masculino, não sobrava outro recurso senão a relacionar à noção de agentes desconhecidos nos órgãos abdominais. Essas opiniões não eram sempre aceitas e com seus nomes eram descritas condutas distintas. Contudo, a partir do século XVI e da garantia da trama de crenças naturalista, as coisas começaram a mudar, pois procurou-se conectar esses anônimos e vagos transtornos entre si, denominando-os de um modo mais preciso. Um primeiro passo foi concebê-los como “vapores” e “nervos”. Vamos nos deter nessas idéias estudando-as na história da histeria.

Vapores

Desde Galeno, os médicos admitiam que as supostas fermentações produzidas pelo útero, atuando sobre a motividade desse órgão, eram responsáveis pelas manifestações histéricas. A opinião médica medieval, influenciada pela confrontação do “bolo histérico” e das alterações respiratórias, assim como a dos prolapsos uterinos, concebeu a idéia da existência de uma *suffocatio matricis*, cujas manifestações deveriam ser combatidas com as inalações de odores fétidos e fumigações vaginais com odores vaginais agradáveis. Tratava-se de devolver ao útero o seu

valor natural para que cessasse o efeito nocivo de seu deslocamento causado pela retenção de matéria (sangue menstrual ou sêmen) e sua decomposição no útero. Amplas e aceitas sem crítica, essas idéias inspiraram os procedimentos médicos durante anos, mas um surdo mal-estar começou a se fazer ouvir no início do século XVI. Apesar de numerosas práticas em desacordo, a mudança não foi fácil, a ponto de autores da importância de Jean Fernel (1497-1558) criticarem essas afirmações, mas não se separarem totalmente delas. Segundo sustentava, a ação dos “vapores” uterinos, emanações pútridas capazes de afetar qualquer órgão, causava ao chegar ao cérebro loucura ou furor, porque essas tais substâncias, voláteis, sutis e ao mesmo tempo ameaçantes, atuavam diretamente nos órgãos, modificando seu funcionamento natural. A suposta existência de tão misteriosas propriedades, sustentadas em um imaginário substancialista, deu margem a numerosas especulações que mantiveram vigentes durante muito tempo a crença na ação patógena dos “vapores”.

Um passo maior nessa linha deu-se quando os autores da Ilustração assinalaram a preferência sexual dos sintomas dependentes dos “vapores”, e estabeleceram aquilo que hoje denominamos “benefício secundário”. Em 1702, um médico inglês, J. Purcell (1674-1730) os havia relacionado com as manifestações passionais e, em 1756, na França, Pedro Hunauld assinalava em seu *Dissertação acerca dos vapores e da perda de sangue* que, “por efeito de uma caprichosa melancolia, elas (as pacientes “vaporosas”) encontram em seus males uma espécie de complacência indolente que temem perturbar. São uma espécie de vapores argumentados em que triunfam os caprichos”. Tais afecções de sintomatologia volúvel e instável, parecidas com os calores das viúvas e donzelas, e passíveis de aparecer em qualquer mulher quando necessitava chamar a atenção, pareciam traduzir “ataques” motores, desvanecimentos, sintomas estranhos ou atitudes pseudo-religiosas. A sensibilidade feminina, acreditava o século das Luzes, favorecia em determinadas conjunturas sociais a eclosão dessas manifestações “vaporosas”, sempre à espreita da compleição das mulheres. Por que essas afirmações?

Acreditava a Ilustração que a ciência bastava para explicar a Natureza, e se se procedesse com o método adequado poder-se-ia conhecê-la por inteiro – era apenas questão de tempo –, o que tornaria possível manejá-la. Seus mistérios eram uma incógnita, mas o engenho humano podia com empenho, perseverança e observação decifrá-los graças à sua sagacidade, agudeza e inteligência. Alimentando suas expectativas com esses auspícios, os estudiosos entregaram-se a tal tarefa, enquanto os literatos encarregaram-se de difundir esses ideais. A muito conhecida *novela de pie*, ainda que pouco lida em sua totalidade, para que tal achado não fosse valorizado em toda sua amplitude, a Ilustração ressaltaria o papel materno da mulher, reprimindo outros aspectos. As crenças, postas em voga

por Aristóteles, de que a mulher era um homem incompleto – encontramos seu eco ainda em Freud em sua idéia acerca da “inveja do pênis” – e, por Galeno, que lhe atribuía um papel reduzido quase à totalidade do útero para a maternidade, permaneciam ainda incólumes. Contudo, na Inglaterra e na Escócia as damas nobres e de alta sociedade, vítimas possíveis dos “vapores”, não desdenharam os progressos das ciências médicas que marcavam as diferenças dos sexos, e deixando de lado as habituais parteiras, buscaram ser atendidas em seus partos por profissionais. No campo médico cresceu no século XVII a atenção prestada às diferenças sexuais, e aumentou a preocupação pela patologia feminina. William Smillie e William Hunter desenvolveram novas técnicas ginecológicas, modificaram os *fórceps*, tornando-os mais adequados a sua finalidade, e estabeleceram as bases de uma especialização. Esse melhor cuidado com o parto contribuiu para destacar a importância da mulher-mãe, mas a supervalorização da Razão, crédito atribuído ao homem, continuou limitando suas possibilidades. O século considerou o matrimônio em função da reprodução, e apesar de ter apreciado a constituição de um casal unido pelo amor, não a considerava necessária. A habitual negociação do casamento promoveu o predomínio do *mariage de raison* – recordemos as gravuras e pinturas de Hogarth relativas ao “contrato matrimonial” – em que eram decisivos, junto com o respeito, os motivos econômicos e de convivência. Segundo Defoe, a mulher era avaliada pela sua fertilidade, “Criada ou mãe”, seu dote ou sua resistência para trabalhar. Isso não significava descartá-la como companheira de prazer. Nem Voltaire nem Federico II foram insensíveis ao encanto feminino, ainda que na vida pública, assim como na de Locke ou na de Condorcet, as mulheres nunca ocuparam lugares de destaque. E daquelas que, como Catarina II da Rússia ou Maria Luísa da Áustria, brilharam por sua capacidade como estadistas, à época dizia-se que eram dignas de serem homens. Mas todas elas podiam padecer de “vapores”. Em 1759, José Raulin (1708-1784) assegurava que as afecções vaporosas geravam “estados, movimentos convulsivos, espasmos ou convulsões localizadas em alguma parte, em algumas vísceras, em várias delas conjuntas ou sucessivamente, seguidas de sintomas mais ou menos violentos, mais ou menos moderados, segundo a sensibilidade, a irritabilidade, a diferença da força mecânica entre as partes afetadas e segundo a qualidade e a quantidade de suas causas”. Tal sintomatologia aparecia preferencialmente entre as damas da aristocracia, enquanto a hipocondria – afecção com muitas características em comum com a histeria – o fazia entre os cavalheiros de igual condição social. E seguindo as já antiquadas opiniões de Fernel, repetia-se que, ao chegar ao cérebro, os vapores podiam originar loucura, inquietude, sonolência profunda bem como “furor uterino”, afecção que induzia escandalosas condutas sexuais. Atribuir esse comportamento a uma enfermidade, chamada um pouco além, “ninfomania”, cômodo recurso para fechar os olhos

ante a realidade, assegurou a tal vocábulo uma longa duração nosotáxica, ainda vigente nos começos desse século. Mas se adjudicar um nome com reminiscências gregas concedeu respeitabilidade científica a essa conduta, não logrou subtraí-la à reprovação social e juntou-a ao carro das valorações morais.

Não nos apressemos em concluir. Durante a época dos Luíses, impostura científica, newtoniana, explicativa, não se destacou a importância da sensibilidade e da paixão, terreno em que a mulher foi considerada um ser débil, enfermiço, capaz de ceder facilmente ao embate das contradições emocionais, e, portanto, dos “vapores”. “A natureza e a sociedade”, escrevia a celebrada e sagaz Mme. De Staél (1766-1817),

deserdaram a metade da espécie humana: força, coragem, gênio, tudo pertence aos homens e se cercam de atenções os anos de nossa juventude é para se divertir com a derrubada do trono (...) Certamente que o amor que pode inspirar outorga à mulher um momento de poder absoluto (...) O amor é a única paixão das mulheres; a ambição, o amor à glória caem-lhes tão mal que poucas se ocupam dele (...)

O amor é a história da vida das mulheres e um episódio na dos homens.

Esse texto, escrito em 1796, mostra aparentemente outra concepção da mulher, mas destaca sua debilidade pela propensão a se deixar levar pela paixão amorosa, e mantém a condição masculina como referente ideal. E como à época acreditava-se que, assim como o espírito adquiria mais luzes, o coração conseguia maior sensibilidade, receber uma escassa e pouco exigente educação sujeitava as mulheres a uma debilidade de espírito, pois suas condutas eram regidas com maior intensidade pelo coração.

77

Esse tema se concretizou em duas versões: a da terna e débil Clarice – heroína de Richardson torturada pelo diabólico Lovelace – ou a Julieta de Sade, *la belle dame sans merci* entregue à violência e ao descomendimento de paixões sem controle. Tal maneira de pensar acerca da sensibilidade e a paixão pareceu dar um forte embasamento às afirmações médicas sobre a perturbação dos “vapores”, materiais voláteis, facilmente infiltrantes, pouco determinados, capazes, como as nuvens do céu, de formar mil figuras. A sensibilidade feminina, seu poder cativante e sedutor, é perigosa para o homem, mas também o é quando aparecem “vapores”, pois o expõe à burla social ou submete-o aos caprichos mais estranhos.

Em que pese o fato de tais ideais terem calado fundo, a crença nos vapores não deixou de ser criticada e já no século XVII houve quem buscasse uma explicação mais satisfatória para explicar as manifestações de transtornos tão desorientadores. A idéia de “enfermidade nervosa” está estreitamente relacionada com essa insatisfação científica. Detenhamo-nos nela.

A enfermidade nervosa

Quando os médicos dos séculos XVII e XVIII estudaram as enfermidades, seguindo as prescrições do paradigma galileico-newtoniano, seus conhecimentos progrediram rapidamente, pois considerar objetivamente a Natureza e valorizar seus signos permitiu-lhes edificar teorias explicativas coerentes. Entre eles, os anatomistas do século XVII dirigiram seus esforços para elucidar a arquitetura do cérebro e dos nervos, terreno em que o trabalho de Th. Willis (1621-1673) teve especial importância. Seu mote de “inventor do sistema nervoso” assinalou um fato concreto, pois, apesar de antes dele já se conhecesse o cérebro, a medula e suas prolongações nervosas, concebê-los como integrantes de um mesmo sistema funcional foi sua contribuição mais importante. Suas sucessivas obras – *Cerebri anatome* (1644), *Pathologia cerebri et nervosi generis specimen* (1667), *Affectionem quae dicentur hysteria et hipocondriae pathologia spasmatica vindicata* (1670) e *De anima brutorum* (1672) – foram dedicadas a evidenciar a interconexão desses órgãos constitutivos de um sistema – este vocábulo não tinha o alcance que tem hoje – cujo funcionamento atribuiu à ação de *espíritus animales* formados pela destilação do sangue arterial no cérebro. Como os vapores, eram substâncias pouco consistentes, móveis, que ao se deslocar chegavam a órgãos nos quais atuavam nas sensações e nos movimentos. Da “alma sensitiva”, argüia Willis, adepto ardoroso das teorias iatrogímicas, dependiam funções similares às executadas pela *anima brutorum*, que, graças à fantasia, acoplavam-se e relacionavam com a “alma racional”, transcendente e imaterial. Essa tese era uma explicação atraente para o mundo científico seduzido pelo paradigma newtoniano; mas seu forte caráter especulativo fazia dela uma tese com pouca relação com a realidade concreta. O certo é que os conceitos de espíritos animais e alma sensitiva foram construções racionais, mas a crença na existência de tais entidades era antiga. Willis interpretou o assunto desde o modelo iatrogênico, concebendo-os como substâncias compostas por uma matéria etérea e extremamente fina. A similitude com os “vapores” salta aos olhos e remete a duas tematizações de uma mesma crença: os vapores e espíritos animais tinham em comum um caráter volátil, aéreo, sutil, leve, etéreo, que supunha a existência de um substrato, substancial, concreto. Os “espíritos animais” foram uma tentativa de explicação, pois admitia-se que recorrem trajetos preexistentes não dimensionais, difundindo-se pelo corpo graças aos nervos, agentes das sensações e os movimentos condutores capazes de chegar a todo o corpo e, no entanto, em seus deslocamentos estas sutis substâncias suscetíveis de contaminação podiam fazer-se maléficas como acontece com a histeria. Escutemos Willis:

Como os outros movimentos convulsivos, a afecção vulgarmente considerada histérica é produzida exclusivamente pelas explosões dos “espíritos animais”. As formas dessa enfermidade podem distinguir-se entre si e de outras afecções espasmódicas em razão da origem e extensão de sua causa mórbida. Sua origem mais freqüente é a cabeça, podendo também por vezes partir do útero, quando este se encontra alterado, o mesmo que de outras vísceras. Quanto à extensão, seja qual for sua origem, a enfermidade afeta principalmente os nervos interiores, quer dizer, os que correspondem às vísceras e à zona precordial, e também seus prolongamentos, afetando os “espíritos animais” que contêm; mas raramente afetam os espíritos que controlam os nervos exteriores, o cérebro e o cerebelo.

???

Prestemos atenção às cortantes afirmações transcritas: a histeria, afecção “convulsiva”, é produzida pela “explosão” dos espíritos animais acumulados em quantidade incontrolável, enquanto suas manifestações, convulsão e explosão potencializam a desmedida e a transgressão da Ordem reinante na Natureza e na Sociedade. Para o médico inglês, à alma sensitiva, integrada pelos espíritos animais e a parte ígnea do sangue da qual dependem os movimentos, as sensações e os impulsos – correspondência da alma humana dos estúpidos – superpunha-se a racional, de caráter espiritual, encarregada do juízo e do raciocínio. Esta última não poderia adoecer, mas sim a sensitiva, originando as enfermidades nervosas.

79

A ação dos espíritos animais, difusiva, expansiva e ascensional assemelha-se às das substâncias sutis. Postular a ascensão maligna desses espíritos ao cérebro foi possível graças à participação na explicação de um imaginário estruturado em trajetos fantasiosos de orientação vertical e tensão trágica capaz de inverter os valores em jogo. Como consequência, em vez de fazer transcender, os espíritos animais alterados submergem na imanência e nomeiam metaforicamente a queda da alma racional nas redes do sensitivo. Tal explicação tem um sabor neoplatônico, que durante o século XVII seguiu sub-repticiamente infiltrado em um mundo científico que ia se orientando para o positivo. Como resultado, entre o afirmado por Willis e o que anos mais tarde assegurou Thomas Sydenham (1624-1689) com respeito à histeria está a diferença entre definir algo segundo sua essência ou segundo seus acidentes.

Todavia, o primeiro estava preso ao galenismo; o segundo, ardoroso adepto do empirismo de Locke, seu venerado amigo e colega, concebia a ação dos espíritos animais de outro modo. Mas, além de suas diferenças, essas asseverações supunham admitir que a perturbação originava-se no funcionamento de uma disposição anatômica do cérebro ou dos nervos, era a causa eficiente de uma enfermidade. Tal conclusão implicou uma importante mudança teórica, pois conceber a existência de uma enfermidade nervosa supõe aceitar, inicialmente, um princípio unitário regulador do funcionamento do organismo e, em segundo lugar,

a separação entre forma anatômica e função fisiológica, e, por fim, admitir que vários órgãos atendem ao cumprimento de uma mesma função. As idéias de generalidade e funcionalidade, já usadas por Harvey ao estudar a circulação sanguínea, encontraram assim sua explicação no nervoso. Mas uma coisa é a teoria e outra é a prática. Circulação não é igual a difusão e, se bem o sangue circula como um líquido por um tubo, os espíritos animais propagam-se difundindo-se ao longo de fibras sólidas, motivo pelo qual sua perturbação origina transtornos propagados a todo o corpo.

Pois bem, ao estudar a histeria, Willis deu outro passo importante. De fato, o geral, o particular, o singular e o relativo implicam a existência de um ordenamento do qual não participa essa afecção que

tem tão má fama entre as enfermidades das mulheres que, se bem abarca a metade da mesma, carrega com a consequência de outras. Sempre que surge uma enfermidade em um corpo feminino de um modo desconhecido ou com origem oculta, de modo que a causa é incerta bem como o são as indicações terapêuticas, acusamos os transtornos do útero (inocente a maior parte das vezes) e dizemos que são alterações histéricas, e sob esse ponto de vista é, muitas vezes, apenas o subterfúgio da ignorância com as quais se dirigem as intenções médicas e o uso dos remédios (...) Estou persuadido (...) que as alterações chamadas do útero são principal e primariamente convulsões e dependem da afecção do cérebro e dos nervos (...) Tendo considerado essas e outras razões, não temos dúvida em afirmar que as paixões comumente chamadas histéricas se originam, o mais das vezes, nos espíritos animais, que radicam no começo dos nervos dentro da cabeça, estando de alguma maneira alteradas (ibid.).

Era, pois, lógico e consequente, em uma explicação tramada em tal urdidura de crenças, afirmar que as alterações nervosas – as paralisias, a insônia, a vertigem, a apoplexia, os delírios, a mania, a histeria, a hipocondria e outros transtornos mais ou menos estranhos – eram afecções gerais em que estavam transtornadas a motricidade e a sensibilidade. Em consequência, o nome “enfermidade nervosa” designou uma afecção específica e sistêmica em que, se se alteravam determinadas funções, outras ficavam indenes.

Anos mais tarde, quando Sydenham procurou ordenar esse campo ainda pouco esclarecido, atribuiu a histeria a uma má disposição ou “ataxia dos espíritos animais”, isto é, a um transtorno fisiológico do sistema nervoso. Willis já havia assegurado que a histeria e a hipocondria eram “enfermidades nervosas”, mas Th. Sydenham em seu *Dissertatio epistolaris de affectione histérica* de 1682 considerou-a em virtude da consistência funcional do organismo. Um corpo, dizia, no melhor estilo empirista, está composto por partes acessíveis aos sentidos e a mente é uma estrutura regular de espíritos acessíveis à razão. Esse interior tem, pois, uma consistência intimamente unida ao temperamento do corpo, que quando

se perturba perde sua natural firmeza variável segundo sejam suas formas. Sydenham explicou, em consequência, a enfermidade nervosa histérica por similitude, dizendo-nos que, assim como os sentidos informam acerca do corpo, a razão pode fazê-lo com respeito à mente, motivo pelo qual quando os espíritos animais comportam-se de modo atáxico ou desordenado perturba-se a interioridade mental segundo a consistência do corpo. Ou seja, a enfermidade nervosa deve-se a uma predisposição somática e a uma estreita correspondência com as alterações da “interioridade”. O passo dado por Sydenham foi capital, pois da observação neutra de Willis transmitiu-se uma interpretação em que se valorizou a enfermidade nervosa como a alteração de um “dentro” cuja envoltura são os signos manifestos. Tratava-se no fundo da criação de uma nova “figura” patológica.

Pois bem, juntamente com a histeria, os médicos da Ilustração, quase exclusivamente os ingleses, descreveram uma outra afecção, a qual chamaram *spleen*, cuja história teve importância na “construção” do conceito de neurose. Em 1711, B. Mandeville (1670-1723), médico, político e moralista, havia publicado um *Tratado acerca das paixões hipocondríacas e histéricas*, em que insinuava a preocupação pelo “interior, ainda que seu autor, adepto tardio das teses iatroquímicas, culpava ainda os vapores, punha ênfase na importância patogênica das paixões”. O tom excéptico com que esse autor julga os signos de seu tempo levou-o a afirmar a existência de um direito natural de se apropriar individualmente de algo para substituir e conservar a vida sem ter em conta outra coisa. A consequência ética de suas asseverações de que os “vícios privados produzem benefícios públicos”, como parecia dizer, teve profundas representações nas concepções médicas de seus compatriotas. Na mesma linha de pensamento, R. Blackmore (1653-1729) assegurava em seu *Tratado acerca do spleen e os vapores ou as afecções hipocondríacas e histéricas* que nas Ilhas Britânicas predominavam transtornos que podiam, justamente, ser chamados de “enfermidade inglesa”, denominação que golpeou fortemente o individualismo britânico, em que leigos e médicos apressaram-se a considerar essa nova afecção do ponto de vista moral, como uma marca de distinção.

O caráter dos britânicos [escreveu], é muito variável, o qual se deve a seu baço (*spleen*), um ingrediente de sua composição quase peculiar desta ilha, ao menos no grau que nela se dão. Daqui provém a diversidade da disposição, e no gênio em que é tão fértil nessa ilha. Nossos vizinhos são uns pobres em humor e têm menos tipos originais que nós. Um inglês não precisa viajar ao estrangeiro para conhecer os caracteres dos diferentes vizinhos. Basta-lhe viajar do Temple-Bar até Ludgate e ali encontrará em vinte e quatro horas as disposições e espírito de todas as nações (Blackmore, 1725, p. 261).

Blackmore ressaltou a importância da predisposição étnica ao *spleen*, estado de ânimo moroso, lânguido, algo melancólico capaz de determinar a disposição lasciva ou preguiçosa com alterações sensíveis e motoras que traduz o “*mal de vivre*” da Ilustração. E assim o *spleen*, cujo nome trazia consigo o misterioso prestígio de sua relação com um órgão contido no “dentro” abdominal, marcou a distinção social. Os meios aristocráticos e de alta burguesia inglesa colocaram-no na moda, e tal foi a popularidade da “enfermidade inglesa” que, em uma de suas cartas a Sofia Volland, Diderot não deixa de mencioná-la ao contar-lhe suas versões com um jovem inglês.

Desde vinte anos [diz seu interlocutor], sinto um mal-estar mais ou menos penoso: jamais tenho a cabeça vazia. Às vezes, pesa-me tanto como se um peso lançasse para a frente e me levasse a jogar-me pela janela ou ao fundo de um rio, como se estivesse em sua borda, tenho idéias negras, tristeza e aborrecimento; encontro-me mal de todas as maneiras, não desejo nada, procuro me distrair e me ocupar, mas é inútil. A alegria dos outros me aflige e sofro por ouvi-los rir ou falar. Você conhece esse tipo de estupidez ou mal-humor que assalta depois de ter dormido muito? Esse é meu estado habitual (...) (Diderot, p. 187).

Tal afecção foi, durante a primeira metade do século XVIII, um “estilo” de classes altas. Uma visão pouco mais científica dessa afecção levou George Cheyene a publicar, em 1733, *A enfermidade inglesa ou um trabalho das enfermidades de todas as classes tal como o spleen, vapores, debilitamento dos espíritos, desordens hipocondríacas e histéricos*, cujo extenso e ambicioso título resultou a persistência da crença nos vapores.

A riqueza em conteúdo de nossa alimentação [escreve] a abundância e o bem-estar dos habitantes (por seu comércio universal), a inatividade e ocupações sedentárias da classe elevada (entre quem esse mal causa mais dano) e os humores que produz o viver em cidades grandes, populosas e insanias (...) (quem enferma são os: de constituição mais rápida e viva (...) cujo temperamento é mais agudo e penetrante, especialmente os que têm mais delicado o gosto e os sentimentos (...) (Cheyene, 1733, p. 262).

Para Cheyene, a união das preocupações socioeconômicas e os transtornos orgânicos eram causas capazes de envolver qualquer órgão.

Com o tempo, os médicos foram deixando de lado o diagnóstico de *spleen*, pois comprovou-se a inexistência como entidade patológica, mas não cabe dúvida de que essa afecção imaginária introduziu dados novos no confuso quadro dos “vapores” e da “enfermidade nervosa”.

O tema dos fluidos

Para os homens dos séculos XVII e XVIII, a existência de entidades extensas não materiais era algo admitido em todos os campos da ciência. Um bom amigo de Newton, Henry More (1614-1687), membro da chamada escola platônica de Cambridge, exerceu importante influência na difusão dessas idéias. Nos seus começos, admirador das teses mecanicistas de Descartes, com quem trocou uma interessante correspondência, afastou-se de seus ensinamentos no que tange a identificar espaço com extensão da matéria, argüindo que existe um espaço sem matéria, ocupado por espíritos, “substâncias penetráveis e inseparáveis”. Tais espíritos, dotados de propriedades e potências opostas às dos corpos, sustentava, são penetráveis, indivisíveis e contráteis e dilatáveis, possuindo também “o poder de penetrar, mover e alterar a matéria”.¹ Mas, além disso, para More, existia um tempo e um espaço absolutos, os quais não implicavam a existência de um vazio.

Mais ainda, o espaço cósmico está cheio de “éter”, haviam assegurado Giordano Bruno e Kepler, e Newton aderiu a tal afirmação porque, como era crença corrente, a Natureza detesta o vazio. Essa suposta substância penetrável e inseparável serviu para explicar fenômenos físicos tais como a gravidade, o magnetismo e a eletricidade. E a medicina, graças à iatroquímica, a existência de espíritos animais concebidos, em decorrência de sua mobilidade, como fluidos. A idéia de fluido magnético que desenvolvera Mesmer, ou de fluido nervoso, aceita pelos fisiólogos, encontra aqui uma de suas raízes. Conseqüentes com as implicações dessas premissas, os autores dos séculos XVII e XVIII explicaram os transtornos que mais adiante foram chamados neuróticos, recorrendo às idéias de espíritos animais, vapores e nervos, diferentes denominações para uma mesma concepção. De fato, os séculos naturalistas foram generosos na aplicação do termo fluido, como princípio fisiológico, circulante ao longo dos nervos, que, concebidos como condutos ocos e fibrosos, eram meros condutores. Por sua parte, o fluido, substância material cujas moléculas têm entre si pouca consistência, atua diretamente no órgão, ao qual chega modificando ou não seu funcionamento. Isso contribuiu para introduzir o conceito de ação e distância, sustentado na ação invisível e na capacidade difusora dos fluidos espirituais.

A mesma etimologia do vocábulo fluido, que provém do latim *fluere*, e remete ao escorrimento de líquidos, contribuiu para a difusão do prestígio outorgado à idéia. Com efeito, o uso de um termo tem, além de seu poder denotativo, outro connotativo, em virtude do qual suscita o surgimento do

1. Acerca de K. More é importante consultar o excelente estudo de A. Koyré, *Do mundo fechado ao universo infinito*, p. 124.

imaginário. Espírito animal, vapor ou fluido nervoso remetem a “o animado”, uma de cujas características é o movimento, que, ao se alterar, traduz-se em agitação motora, cuja importância destacaram Willis, Sydenham e, com eles, os médicos da Ilustração. Entretanto, um fluido é inacessível e escorre como água pela palma da mão, o que dificulta conhecer seu “dentro”. Dos vapores, dos espíritos animais e do fluido dos nervos detecta-se seu transcorrer, não sua interioridade, que permanece oculta; mas, deixando fluir, estagnam-se e acumulam, transformam-se em forças ameaçadoras capazes de derramar-se com violência à menor oportunidade. O imaginário dos fluidos vai associado à imagem de movimento incontrolável, e sua contrapartida, de retenção potencialmente destrutiva.

Tudo isso se deve ao caráter cambiante dos fluidos, que podem adotar qualquer forma e aparecer de qualquer modo, como sucede – recordemos a transcrição do parágrafo de Willis apresentado anteriormente – com a histeria, que se manifesta por convulsões, quer dizer, por movimentos desordenados. A crença na existência e ação de um fluido – espírito animal, vapor ou fluido nervoso – trouxe consigo a imagem de um transcurso sereno ou agitado, ordenado ou caótico que os homens da Ilustração assimilaram à idéia de saúde e enfermidade. O imaginário antitético põe em primeiro plano o conflito e a luta, levando a conceber a enfermidade como o contrário da saúde pela qual a terapêutica deve “vencer” para restaurar a normalidade perdida. Mas de fato a antítese, inextricavelmente unida ao pleonasmo – emprego desnecessário de notas e vocábulos para conseguir uma exata caracterização do que se diz – e à hipérbole, conduz à acumulação de notas – de sintomas para diagnosticar – que impedem um conhecimento apropriado do que sucede. A idéia esboçada “nervos” continua sendo uma crença caracterizada pela intenção de racionalizar, mediante a antítese, algo vivido hiperbolicamente e descrito mediante os pleonasmos. Mas espíritos animais, vapores e fluido nervoso – ou “nervos” – são metáforas de algo oculto e, portanto, deslocamentos de algo cuja existência só pode ser captada perfilando-a com a ajuda do que é.

Referências

- BLACKMORE, R. *Treatise na spleen and hysteria*. Londres, 1725. p. 261.
CHEYENE, G. *The English malady*. Londres, 1733. t. I., p. 262.
DIDEROT. In: GUSDORF, G. *O.C.* t. I, p. 187.
KOYRÉ, A. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Madrid: Siglo XXI, 1979.

Resumos

Desde que TH. Willis enunciara su idea de enfermedad nerviosa, numerosos trastornos tornadizos, cambiantes y pasajeros con polimorfas manifestaciones psíquicas y motoras fueron atribuidas a la existencia de “vapores” y posteriormente a alteraciones de los “nervios”.

Palabras claves: Nervios, vapores, neurosis, fluidos

Dès l'énoncé par Th. Willis de son idée de « maladie des nerfs », un grand nombre de troubles “tornadizos”, changeants et passagers, avec des manifestations psychiques et motrices polymorphes furent attribuées à l'existence de “vapeurs” puis ultérieurement à des altérations des “nerfs”.

Mots clés: Nerfs, vapeurs, fluides, névrose

Ever since Th. Willis first described his concept of “nervous malady,” a great many changing and passing disorders with polymorphous psychic and motor manifestations were first attributed to the existence of “vapors” and then to changes in the “nerves.”

Key words: Nerves, vapors, neurosis, fluids